

DESTINO

SOMBRIO



LUÍS DILL

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright do texto © 2013 by Luís Dill
O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Sabine Dowek

PREPARAÇÃO
Maria Fernanda Alvares

REVISÃO
Luciana Baraldi
Luciane Helena Gomide

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dill, Luís
Destino sombrio / Luís Dill. — 1ª ed. — São Paulo :
Seguinte, 2013.

ISBN 978-85-65765-06-0

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Título.

12-14792

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5
1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.seguinte.com.br
www.facebook.com/editoraseguinte
contato@seguinte.com.br

CAPÍTULOS

~~01~~

02

03

04

05

06

07

08

09

10

11

12

13

14

15

16

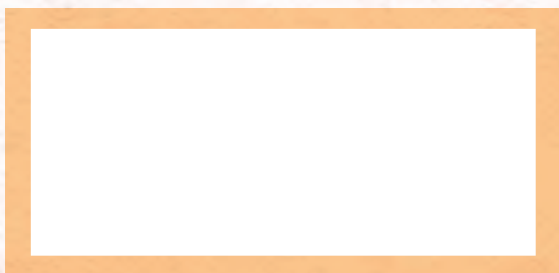
17

18

Gente velha, por exemplo. Tenho pavor. Não que eu seja nojenta, metida a besta, mas quem é que aguenta? É tudo devagar, é tudo cheio de resmungo, de ai, de ui, de suspiro e de gemido. Andam daquele jeito, um passinho, depois outro passinho, às vezes com bengalas, às vezes arrastando os pés, uns se tremem, pô, é de encher o saco.

Nunca escutam direito, se tu tiver que falar com eles tem que gritar, repetir as coisas. E tem negócio mais chato do que ficar repetindo a mesma coisa duas, três vezes? A mesma coisa! Também não enxergam direito, apesar dos óculos com aquelas lentes

grossas e enebadas. Tão sempre com aquelas caras murchas, enrugadas, cara de quem não tá entendendo nada, de quem não sabe onde pisa. Ficam parados tentando ler uma coisa que tá na frente do nariz deles, Escuta, minha filha, por gentileza, pode ler pra mim o que tá escrito aqui? Olha, vou dizer uma coisa, é de amargar, como dizia meu falecido pai. De amargar. A vontade que eu tenho é de empurrar eles, Pô, sai da minha frente, caramba, tô com pressa. No ônibus, cheios de sacolas, as sacolas chacoalhando, fazendo aquele barulho irritante, as sacolas sujas deles sempre roçando na gente, como se precisassem fazer isso pra continuar vivendo. Dá um tempo. Pra subir no ônibus então? É um parto. Pra descer do ônibus? Outro parto. Tu morta de pressa e o motorista lá em ponto morto, esperando as belezuras subirem ou descerem. Tem aqueles que tão sempre mascando, nhec-nhec-nhec, mas não é chicle, deve ser a chapa deles, troço mais horrível, nojento, nhec-nhec-nhec. E quando pegam na gente então? Aí é pra matar. Os dedos todos tortos, a pele coberta de manchas pretas, vermelhas, um horror. Às vezes, até com unhas sujas. Fico sempre me perguntando por que eles acham que eu gosto ou mesmo quero que eles toquem em mim. E o cheiro deles? Esse sim é o pior de tudo. Gente velha não toma banho. Os que tomam não conseguem se lavar direito, e botam sempre as mesmas roupas. O cheiro é de amargar. Esquecem tudo, a cabeça só serve pra segurar chapéu. Não lembram de nada, não entendem nada, demoram horas pra se dar conta das



coisas. Por isso que eu digo, gente velha não dá, não tem condições, devia ser paga pra ficar em casa, ou em asilos, aí não saía pra rua pra incomodar, atrapalhar a vida dos outros. Pior são aqueles, principalmente as velhas, que têm sempre um sorrisinho na cara, como se estivessem prontas pra começar um bate-papo. Imagina se vou querer conversar com elas. O sorrisinho de gente velha tenta convencer o mundo de que são tão felizes por terem passado dos sessenta anos, é um sorrisinho falso, parece até que querem uma medalha só porque se tornaram um amontoado de cacões feito de pele seca e ossos de areia. Na minha opinião não é a terceira idade. É a última idade. Pois é, não posso com gente velha, quero distância dos velhos, eles bem longe de mim e eu, de preferência, sem nem ver eles. Parece mentira, mas na época eu trabalhava em um consultório médico. Recepcionista. Balcãozinho, fichário, telefone, bebedouro. O patrão, o médico, ele mesmo um velho, cabeça branca. A clientela dele? Adivinha?

Lógico, um bando de velhos. Era uma tortura. De amargar mesmo. O dia todo, com uma pausa pro almoço. Pausa de uma hora. O doutor-cabeça-branca era rígido, me cobrava pontualidade, unhas bem-feitas, cabelo penteado, roupas certinhas e tudo o mais. Um horror. E insistia pra que eu fosse simpática com os pacientes. Extremamente simpática, ele não cansava de me orientar. Consultório médico, bom dia! Consultório médico, boa tarde! E eu tinha que ter uma paciência desse tamanho pra marcar as consultas, repetir o horário, quase aos berros no telefone. A salinha de espera era de gritar Socorro! Quadros velhos de paisagens, carpete avermelhado ralinho já de tanto uso, um sofá em L, de listras sujas e manchadas. As revistas eram de dois, três anos atrás. E os velhinhos e as velhinhas pareciam adorar o ambiente. Pareciam me adorar e, com certeza, adoravam o doutor-cabeça-branca. Quando eu acompanhava os pacientes até a sala, ele abria os braços, dizia numa alegria de dar enjoo Como é que vai, guria! ou Como é que vai, guri! Um dia saí pra almoçar e não voltei mais.